

LIDERANÇAS POLÍTICAS E CINEMA: A IMAGEM CONSTRUÍDA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristina de Amorim Maranhão Gomes da Silva¹

Vera Lúcia Michalany Chaia²

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo analisar a temática das Lideranças Políticas e Cinema, buscando compreender como alguns governantes brasileiros são retratados em documentários. Para tanto iremos estudar a imagem construída nos filmes que apresentam a liderança política de Luiz Inácio Lula da Silva.

Palavras-chave: Cinema; Lideranças políticas; Imagem; Luiz Inácio Lula da Silva.

POLITICAL LEADERS AND CINEMA: THE CONSTRUCTED IMAGE OF LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente do Centro Universitário SENAC. E-mail: <crismaranhao1980@yahoo.com.br>.

² Livre-Docente em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <vmchaia@pucsp.br>.

Abstract: *This essay goal is to analyze the Political Leaders and Cinema theme, seeking to comprehend how the governor image is portrayed on documentaries. To do so, we will study the image constructed on movies that presents the political leader Luiz Inácio Lula da Silva.*

Keywords: *Cinema; Political leaders; Image; Luiz Inácio Lula da Silva.*

Introdução³

O universo das imagens é vasto e complexo. Esta afirmação nos mostra a dimensão do quanto intrigante é o tema que iremos abordar aqui. Vilém Flusser, filósofo que propôs olhar e se aprofundar nas relações e questões provenientes do universo imagético, em seu livro *Filosofia da caixa preta*, lembra que vivemos em um mundo de imagens e que estas estão para nós para explicar a complexidade deste mundo. Ou seja, através das imagens conseguimos compreender e nos relacionar com o mundo visível e dar conta dos mistérios que envolvem a vida. Assim, as imagens pintadas nas paredes das cavernas de Lascaux em França pelos “homens da caverna” davam para estes a dimensão mítica da batalha para se conseguir o alimento,

³ O artigo se insere no Projeto Temático “Lideranças Políticas no Brasil: características e questões institucionais” (n. 12/50987-3) financiado pela FAPESP. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade das autoras e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. Também é tema da pesquisa que Vera Lúcia Michalany Chaia desenvolve no CNPq, como PQ.

ou mesmo em grupos ditos como primitivos as imagens que eram de deuses e protetores produziam o efeito e relação com o universo da fé e proteção. O mundo para estes era expresso em imagens.

[...] Imagens são mediações entre o homem e o mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. [...] seu propósito é serem mapas do mundo.⁴

Porém esta relação mítica se perde, e isso ocorre conforme a sociedade se estrutura e evolui. Nos momentos antes descritos o universo da escrita e da consciência história eram iniciais ou inexistentes, porém como estes dois momentos passam a ser mais importantes que o universo mítico das próprias imagens e de suas relações subjetivas. As imagens começam a ser explicadas, catalogadas e fixadas em uma ideia pré-concebida e determinada e assim as relações concretas tornam-se primordiais nesta questão.

Existem outras relações presentes no universo imagético que nos serão muito importante elencar e que só conseguimos pensar a partir das formulações apresentadas acima, a imagem como revelação e resultado do ato da imaginação e a imagem associando-se a discursos pré-estabelecidos. No primeiro caso, estamos no limite da relação proposta por Flusser e a imagem consegue ultrapassar a barreira da formatação da escrita e relacionar-se com o indivíduo estando no âmbito do subjetivo. Aqui a imagem tem o caráter de uma

⁴ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 9.

aparição, ou seja, não é preciso que haja mediação alguma para que ambos compreendam e se relacionem, visto que é retomada toda a tradição de explicar o mundo ao homem e passa a se relacionar com a *ação do imaginar*, isto é a imaginação. Já na segunda relação podemos afirmar, de certa forma, que é a extrapolação da perda da relação da imagem como *imaginação* e a quebra desta relação das imagens como subjetividade do homem/mundo. Ou seja, a imagem associada aos discursos das instituições ganha novos parâmetros e é neste momento que a relação descrita anteriormente se esvazia. Assim, consegue-se associar a qualquer questão simbólica ao universo imagético, descaracterizando a *imaginação*. Os discursos são provenientes das instituições, podendo ser políticas, religiosas, familiares e por ai em diante. É importante ressaltarmos que as imagens como associação dos discursos só ganham forma na relação com o universo imagético, caso este seja alterado. As imagens na nossa sociedade, e principalmente na atualidade, deixaram de possuir o caráter de explicação do mundo (in)visível e passaram a reverberar uma visibilidade excessiva proveniente do mundo capitalista. Na atualidade as relações transformaram-se e agora existem a partir das imagens e estas são sucessivamente substituídas por outras não deixando tempo para o indivíduo se relacionar com as mesmas. Assim, presenciamos um esvaziamento da crítica e da subjetividade deste processo homem/mundo/existência.⁵

⁵ MARANHÃO, Cristina. *As imagens da guerra: Brasil, Palestina, Portugal*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2013.

Tendo como base estas relações do universo imagético, propomos agora pensarmos a construção da imagem que será discutida a seguir. Até o momento pensamos a questão sem a particularidade do tipo de imagem que iremos trabalhar, a imagem poderia ser uma pintura, um desenho, uma cena, uma fotografia. Porém trataremos aqui de uma expressão muito particular do universo imagético, o cinema. Sabemos que existem algumas particularidades desta forma de expressão, tais como: o som, o tempo, a edição, a fotografia... mas, não iremos adentrar nas discussões de cada uma destas especificações, sabemos que existe em cada uma delas um campo vasto de discussão e produção de conhecimento. Gostaríamos de atentar ao leitor para a importância da construção dos planos sequências e como cada filme constrói através do controle temporal uma narrativa específica do personagem discutido. O tempo tão caro ao cinema é editado, formulado para assim induzir ao olhar e a intenção do diretor.

O cinema brasileiro possui uma história muito limitada de trabalho com filmes que reproduzem a história de governantes. Somente nos anos 1970 começaram a serem produzidos, de maneira mais sistemática, filmes que buscam compreender a ação desses políticos nos períodos em que governaram o Brasil.

Esta dimensão política do cinema explicita-se quando esta mídia elege como tema as lideranças políticas, criando e disseminando determinadas perspectivas que abordam os governantes do país, construindo imagens que passam a fazer parte do imaginário político.

Para Georges Balandier, o poder não se mantém somente pela força física:

O poder estabelecido só pela força, ou sobre a violência não domesticada, teria uma existência constantemente ameaçada; o poder iluminado apenas pela luz da razão teria pouca credibilidade. Não consegue manter-se nem pela autoridade brutal, nem apenas pela justificação racional. Não se faz nem se mantém senão pela transposição, pela “produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial.”⁶

Neste sentido o autor acredita que: “A imagem pode ser produzida por tudo e estar presente em tudo; ela abunda, alastra.”⁷

[...] o político se transfigura em ‘místico’ [...]; o mito, o símbolo, o rito, os mais elevados valores coletivos e as emoções que os assistem têm aí como que a função de unir criando (ou tentando criar) uma solidariedade superior e generalizada, de mobilizar, orientando e fortificando a ação dos indivíduos e dos grupos aos quais eles pertencem.⁸

Serão analisados os seguintes filmes: *Entreatos*, direção de João Moreira Salles (2004); *Lula – O Filho do Brasil*, direção de Fábio Barreto (2009); *Peões*, direção de Eduardo Coutinho (2004). Os três filmes tratam da construção da imagem de Lula antes de assumir a Presidência da República em 2002. O filme *Lula – O filho do Brasil* foi baseado no livro homônimo escrito pela jornalista Denise Paraná,

⁶ BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Coimbra: Minerva, 1999, p. 21-22. Grifo das autoras.

⁷ BALANDIER, op. cit., 1999, p. 127.

⁸ BALANDIER, op. cit., 1999, p. 142.

em que narra a história de Lula do nascimento até a morte de sua mãe, quando já era líder sindical. O filme *Peões* recupera a trajetória de metalúrgicos que trabalharam na região do ABC e que conheceram Lula como companheiro de trabalho e liderança sindical. Já o filme *Entreatos* acompanha os bastidores da campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República no ano de 2002.

É interessante observar que os três filmes analisados descrevem a trajetória pessoal e política de Luiz Inácio Lula da Silva antes de sua eleição à Presidência da República. O filme que mais se aproxima do momento dessa conquista é *Entreatos*, que termina com a vitória de Lula.

Na análise dos filmes serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos e de pesquisa: a) análise interna dos filmes selecionados que tratam do tema liderança política/poder executivo; b) análise histórica da trajetória da liderança retratada nos filmes, bem como análise das questões institucionais, do comportamento político e da comunicação política no período abordado pelos filmes; c) vinculação orgânica entre a análise interna dos filmes e a situação político-cultural da época retratada.

Lula – O filho do Brasil (2010)

A primeira chamada de *Lula – O filho do Brasil* afirma que o filme foi produzido sem dinheiro público, para lembrar ao espectador que, embora recupere a trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva e de sua família, não se fez uso do prestígio do então presidente da República.

Os patrocinadores são citados na tela, e o que chama a atenção é que se trata de empresas poderosas e que prestam serviço ao governo federal. Citemos algumas dessas empresas: Volkswagen, Odebrecht, Hyndai, dentre outras.

A primeira cena do filme do diretor Fabio Barreto se passa na cidade de Caetés, no interior de Pernambuco, no ano de 1945. O pai de Lula está saindo de casa e deixa sua mulher (Lindu) grávida do sétimo filho, que permanece estática, com os outros seis filhos, olhando o marido ir embora com outra mulher (também grávida) para a cidade de Santos, no estado de São Paulo.

Lindu dá à luz e ela chama o filho de Luiz Inácio. Acompanhamos o crescimento do futuro líder político e o cotidiano da família Silva. A imagem da mãe é destaque em todo o filme, e ela é mostrada como uma mulher carinhosa, trabalhadora, guerreira e, principalmente, atenta ao crescimento e à educação de todos os filhos.

O pai de Lula, Aristides, vive com o filho Jaime, que seguiu a trajetória do pai e foi trabalhar em Santos. Enganando o pai, Jaime escreve uma carta em nome daquele, recomendando que Lindu vendesse a casa, a terra e o rebanho de cabras e viajasse com toda a família para Santos, a fim de se encontrar com o marido.

A família Silva ruma para esta cidade em um caminhão de retirantes, chamado “Pau de Arara”. Após 13 dias e 13 noites a família chega a Santos no ano de 1952. Jaime recepciona sua família, e Aristides, pego de surpresa, leva sua outra mulher e filho para viver em outro lugar.

O lugar onde moram é um casebre sem condições de vida e fica em cima da água. Todos trabalham em um armazém de sementes. Luiz Inácio entra na escola com outros irmãos e, para ganhar algum dinheiro, engraxa sapatos e vende laranjas. O pai bate frequentemente nos filhos, e Lindu está sempre presente protegendo-os, principalmente Luiz Inácio.

Ele é um bom aluno e a professora vai até sua casa para elogiá-lo à mãe, comentando: “queria poder colaborar para garantir o futuro dele. Bem, eu podia ficar com ele se a senhora quisesse. Se a senhora deixasse, eu sei que eu posso dar uma boa educação para ele... Eu posso adotar de papel passado. É só uma questão de [...]”

Lindu retruca: “Olha dona, eu tô muito satisfeita com a educação que a senhora está dando pro meu filho lá na sua escola. Eu agradeço de coração os elogios, porque é sinal que ele tá aproveitando a chance, né? É uma alegria pra mim, mas é eu mesma que crio os meus filhos.”

Professora: “Eu só quero fazer dele alguém na vida.”

Lindu: “Oxe, mas ele já não é alguém? É Luiz, meu filho.”

Professora: “A senhora vai impedir o seu filho de ter uma vida melhor?”

Lindu: “Não, de jeito nenhum. Luiz vai estudar, vai ter uma profissão. Ô dona, a senhora não fica aperreada assim, não, que aqui é tudo duro!”

A conversa é interrompida pelo pai de Luiz Inácio que chega à casa e começa a agredir os filhos, dizendo que filho dele não precisava

ir à escola, mas somente trabalhar. Lindu protege os filhos e diz que foi ela que mandou os filhos para a escola.

Após este confronto com o marido, Lindu vai embora de Santos, em 1958, para morar na Vila Carioca, na cidade de São Paulo, região frequentemente invadida pelas águas das chuvas.

Lula entra para o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – e consegue o diploma de torneiro mecânico. A cerimônia de entrega do diploma é festejada por toda a família.

O ano agora é 1963, quando seu irmão Ziza, que pertencia ao Partido Comunista, chama Lula para subir em um caminhão e participar do movimento grevista. Os trabalhadores entram em uma fábrica da região e quebram equipamentos, caminhões e chegam a agredir um dos chefes, que acaba morrendo.

Lula, para conseguir cumprir a meta de produzir 118 peças em sua máquina, se distrai e perde o dedo mínimo da mão esquerda. Desempregado, Lula e vários trabalhadores enfrentam filas para conseguir emprego. Somente depois de algum tempo é que Lula é admitido em uma empresa na região do ABC.

Tudo parece entrar nos eixos novamente: Lula começa a namorar Lurdes, sua amiga de infância. Eles se casam, ela fica grávida, perde o filho e morre. Lula volta a morar com a mãe e fica desolado durante algum tempo. Só consegue se reerguer com a ajuda do irmão Ziza e de um colega, os quais levam Lula para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Incentivado pelos colegas, Lula aceita participar da diretoria do sindicato para

“ocupar a cabeça”. O então presidente se chamava Feitosa e era conhecido por ser “pelego” e identificado com o Ministério do Trabalho.

Em uma dessas coincidências que somente acontece nos filmes, Lula pega um táxi e sabe que a nora do taxista tinha ficado viúva, como ele, e tinha um filho para criar. Ela – chamada Marisa Letícia – vai ao sindicato e conhece Lula. Os dois se apaixonam e logo casam.

Neste meio tempo o irmão de Lula, Ziza, e um colega do Partido Comunista são presos. Depois da soltura do irmão, Lula comenta sobre sua participação no sindicato: “Uns desconfiam de mim porque acham que sou comunista. Outros me acham muito colado no Feitosa”, ao que Ziza retruca: “Tu não virou pau-mandado dele mesmo, Lula?”

Nas próximas eleições, Lula é que sai candidato à presidência, contra a vontade de Feitosa. É eleito em 1978 e discursa: “Gente, é importante que cada um aqui de vocês saiba que trabalhador não é de esquerda muito menos de direita. Antes de qualquer coisa a gente tem que garantir o sustento das nossas famílias. Portanto essa diretoria aqui está disposta a negociar com cada um dos patrões. É importante que cada um de vocês saiba que aqui ninguém, absolutamente ninguém, é inimigo de patrão. Afinal de contas, são eles que pagam os nossos salários, não é?” Lula é ovacionado e sua família assiste à sua posse.

A partir dessa parte do filme, as cenas que mais se destacam são as de Lula como liderança sindical.

Os trabalhadores da região do ABC estão em greve e todos se encaminham para participar de uma assembleia no estádio de Vila Euclides. O estádio encontra-se lotado, e Lula, quando chega, é ovacionado pelos trabalhadores: “Lula, Lula, Lula”, que dizem: “Trabalhador unido jamais será vencido.”

Como Lula fala sem nenhum aparelho de som, ele pede que os trabalhadores repitam suas frases para que todos no estádio possam ouvir o que ele diz. A cena é emocionante. Lula diz:

“A questão é a seguinte: eles pensam que a gente é burro. Eles pensam que a gente não lê! Que a gente não se informa! Mas eles estão muito enganados! Eles não querem dar nada! Nada! Eles querem que a gente negocie! E a gente vai negociar! Mas vai negociar de que forma?”

Trabalhadores respondem: “Parados! Parados!”

Lula: “Vamos negociar parado!”

Todos: “Greve! Greve! Greve!”

Acompanhamos a aproximação da Polícia Militar, pelo céu e pela terra, cercando o estádio. Lula dá um conselho aos trabalhadores:

Agora, eu quero pedir para cada um de vocês que estão aqui que levantem o braço. Para que eles entendam de uma vez por todas que a decisão não é de Lula, mas é dos trabalhadores do ABC! É importante uma outra coisa: aí fora tem um monte de polícia. Daqui a pouco nós estamos indo para casa. É importante que ninguém, absolutamente ninguém, aceite provocações! A gente tem que lembrar que nós somos trabalhadores e honestos. Então, agora nós vamos seguir para nossas casas, vão com Deus.

O sindicato fica em um impasse, pois a diretoria acampa nas dependências do próprio sindicato. Diante das intransigências dos patrões, Lula e a diretoria resolvem suspender a greve. Ele é chamado de Traíra (traidor). No dia 23 de março de 1979, o sindicato é interdito pelo governo. Como resultado da interdição, o sindicato e os trabalhadores começam a se reunir na Igreja local. Lula coloca seu cargo à disposição e pede um voto de confiança da sua categoria profissional. Os trabalhadores apoiam Lula e, como resposta, ele chora. Segue um diálogo entre os trabalhadores e Lula:

Sindicalista: “Lula, o pessoal da imprensa quer saber se vai ter greve mesmo?”

Lula responde: “Mas isso não depende de nós. Olha, diz o seguinte, se tiver greve não vai ser só contra o patrão, não, vai ser contra o regime também.”

Lula é preso em sua residência e conduzido ao DOPS⁹, local para onde os presos políticos eram levados.

Neste meio tempo, acompanhamos a morte de Lindu, mãe de Lula, que sai da prisão somente para acompanhar o enterro da mãe. Ele é muito aplaudido por seus companheiros e um grito se espalha pela multidão: “Companheiros, se não soltarem Lula ninguém vai trabalhar!”

⁹ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 1924. Foi o órgão do governo brasileiro, utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde no Regime Militar de 1964, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

Depois de 31 dias preso, Lula é solto no dia 20 de maio de 1980. O filme ainda nos informa que Lula concorreu à Presidência da República em 1989, 1994 e 1998. Em 2002, Lula ganha as eleições presidenciais e no dia 1º de janeiro de 2003 toma posse. Ouvimos seu discurso: “Pra você, minha mãe, eu dedico este diploma de Presidente da República que acabo de receber.”

A frase que convida os espectadores a assistir ao filme – “Você sabe quem é esse homem, mas não conhece a sua história” – não surtiu efeito esperado. O filme não alcançou a bilheteria prevista. Por conta disso e das críticas ruins que foram publicadas pelos jornais, o filme começou a ser projetado em locais pouco convencionais, como sindicatos, praças públicas e escolas.

Na realidade, todos os brasileiros conhecem a história de Lula, já que ele concorreu a três eleições e, além disso, todo começo de campanha eleitoral ser marcado pela apresentação do candidato – sua origem, sua trajetória pessoal e profissional. De certa maneira, o convite para assistir ao filme foi equivocado; daí o fracasso de bilheteria. O diretor Fabio Barreto sofreu um acidente de carro no dia 19 de dezembro de 2009 e desde então se encontra em coma.

Peões (2004)

Eduardo Coutinho é um dos cineastas que mais produziu documentários no Brasil. A proposta do diretor no filme *Peões* era “saber que fim levaram aquelas pessoas comuns, até certo ponto anônimas, que haviam participado dos movimentos sindicais do ABC

nas décadas de 1970 e 1980.” (Encarte do filme *Peões – Conversa com Eduardo Coutinho* – novembro de 2004).

Coutinho realiza o documentário do cinema direto, ou seja, os personagens não são construídos, são pessoas comuns convidadas a falar livremente, e o diretor somente registra as falas, sem imprimir qualquer direção aos entrevistados.

O filme *Peões* entrevista antigos trabalhadores metalúrgicos¹⁰ que foram colegas de Luiz Inácio Lula da Silva na região do ABC, no estado de São Paulo.¹¹ Segundo Coutinho, “dos depoimentos eu não queria retirar informações diretas, apenas a relação afetiva com o passado.” (Encarte do filme *Peões – Conversa com Eduardo Coutinho* – novembro de 2004).

A primeira cidade a ser visitada é Várzea Alegre, no estado do Ceará. Lá o diretor entrevista alguns trabalhadores aposentados que trabalharam como metalúrgicos em várias empresas multinacionais, como Mercedes, Scania, Ford, Volkswagen. Um dos entrevistados é Zacarias, que comenta que os trabalhadores eram tratados como escravos: “Quando tudo começou, fomos tratados como escravos. Porque eles nos exploravam, e nós ficávamos com medo de perder nossos empregos.”

Todos os trabalhadores entrevistados enaltecem Lula e ressaltam que a sua liderança foi fundamental para o movimento

¹⁰ Algumas transcrições dos depoimentos foram modificadas para a melhor compreensão das falas.

¹¹ ABC Paulista é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo e compõe parte da Região Metropolitana de São Paulo. A sigla vem das três cidades que originalmente formavam a região: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C) – Diadema (D) é às vezes incluída na sigla.

sindical. Joaquim comenta: “Então, nós tivemos (Lula), um homem que admiro muito, e não só eu, todos nós admiramos, que nos ajudou a definir o nosso rumo, nos guiou.” Eduardo Coutinho intervém na entrevista e pergunta para o entrevistado: “Lula é o seu segundo pai?” Ao que Joaquim responde: “Sim, porque hoje, graças a Deus, eu tenho essa casa simples, e este pequeno carro, e alguns imóveis em São Bernardo, pela graça de Deus.”

O diretor, para contextualizar o movimento trabalhista e localizar os participantes desse movimento e seus entrevistados, utiliza as imagens de três filmes rodados naquele período: *ABC da Greve* (1979/1980), de Leon Hirszman, *Linha de montagem* (1982), do Renato Tapajós, e *Greve* (1979), do João Batista de Andrade. Também reproduz matérias jornalísticas e fotografias dessa época.

Eduardo Coutinho reúne alguns trabalhadores que haviam participado do movimento sindical nos anos 1970 e 1980 para assistirem juntos a um vídeo de 34 minutos sobre as greves na Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. Coutinho conduz as entrevistas e solicita ao grupo que recorde, a partir das imagens, os participantes daquele período. Os trabalhadores, sentados começam a reconhecer os companheiros das greves. Além de assistirem ao filme, veem fotos e ajudam o diretor a localizar os personagens que participaram daqueles atos políticos.

Novamente o documentário *ABC da Greve* é reproduzido, agora mostrando a imagem de Lula, sempre com cigarro na mão e se dirigindo aos trabalhadores: “Nós vamos ficar em greve por todos os

brasileiros que lutam para eliminar a exploração do capital multinacional.”

O depoimento de João Chapéu é bem ilustrativo para mostrar a admiração que os trabalhadores sentiam por Lula. O diretor pergunta: “Por que você quer que Lula vença (eleições presidenciais em 2002)?” Ao que o entrevistado responde: “Eu quero que Lula ganhe, porque ele é da minha terra natal, é do Nordeste, onde ele costumava passar fome como eu. Então, eu sei o que ele passou.”

O próprio Coutinho reforça a ideia de que ele quis compreender a relação afetiva que esses trabalhadores, na sua maioria anônima, tiveram com aquele período de luta trabalhista e, principalmente com Luiz Inácio Lula da Silva.

Antonio e George, pai e filho, relembram com orgulho as sequelas em seus corpos, resultado do trabalho estafante que exerceram na fábrica, e recordam também a perda de um dedo por Lula, no manuseio de uma máquina, quando era torneiro mecânico: “Por que Lula perdeu um dedo?” Antonio comenta como se sentiu ao se machucar em uma máquina durante o trabalho fabril: “Eu ainda tenho a marca do machucado aqui, dói mais a alma do que a pele. Quando você tem um acidente, é uma mancha terrível em você como um trabalhador.”

Coutinho faz uso de imagens do documentário *Linha de montagem*, selecionando a parte em que Lula faz um discurso aos trabalhadores:

Qual vai ser o resultado da nossa greve? [...] Eu não vou ditar opiniões! Vocês são todos adultos! E é por isso que estamos fazendo isso! Vocês têm que parar e pensar. Onde você é mais importante. Eu já disse que o Sindicato não é deste edifício. É cada um de vocês na linha de montagem! Cada um de vocês na rua.

Januário, outro trabalhador daquela época, lembra com bom humor de um momento hilário em que Lula, para reforçar seus argumentos, mostra a mão esquerda, aquela em que ele perdeu o dedo mínimo: “Lula uma vez chamou uma assembleia e disse: ‘Eu sou mau.’ Ele pegou o microfone e disse: “Irmãos, temos cinco assuntos para discutir.” (Januário mostra os 4 dedos, como se fosse o Lula. E eu disse: ‘quatro!’” “Ele disse: Cinco coisas”, eu disse: ‘Quatro’”. Lula olhou a sua mão com quatro dedos e falou: “Seu filho-da-puta, temos cinco questões!” (mostrando a mão direita com os cinco dedos). Na avaliação de Januário: “Lula é um grande professor, com esse tipo de honestidade. Lula é o homem.”

Outro depoimento que reforça a força política e o carisma de Lula nos é fornecido por Tê: “Eu gosto do Lula. Eu não o vejo há anos, mas eu acho que ele é uma pessoa muito inteligente. Vou votar em Lula, uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço. Ele tem todos os movimentos, mas, na minha opinião, é o Lula que está sendo eleito presidente, não o Partido dos Trabalhadores.”

Zélia, que trabalha no Sindicato de São Bernardo do Campo, endeusa Lula e considera que ele é: “Lula é como meu pai, meu

irmão, meu tudo. Um dia eu vou fazer café para o presidente, que vai ser Luiz Inácio Lula da Silva.”

Novamente é exaltada a figura política de Lula, por Geraldo: “Lula foi o herói dos tempos. Lula foi um herói, porque eu nunca vou esquecer quando sua mãe faleceu, ele estava na prisão. Nós fomos lá. Eles o soltaram para ir ver o corpo no velório.”

Coutinho selecionou depoentes anônimos, mas que tiveram uma identificação com as lutas do movimento sindical na região do ABC. No filme, o que mais se destaca é a adoração desses trabalhadores em relação a Lula, que é o herói, o Pai, o “cara”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o diretor assumiu uma postura política claramente voltada ao enaltecimento de Luiz Inácio Lula da Silva.

Entreatos (2004)

O filme *Entreatos*, de João Moreira Salles, foi filmado durante o período de 25 de setembro a 28 de outubro de 2002. A equipe de *Entreatos* seguiu de perto a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, cujos bastidores são mostrados em todos os detalhes.

João Moreira Salles comenta sua identificação com documentários e admiração por Eduardo Coutinho:

Mas em relação ao documentário, aí sim tem uma coisa que para mim é muito viva, muito interessante, que é essa capacidade de ir de encontro a essas coisas que estão aí fora.

E não que isso não interesse ao Waltinho¹², mas ele chega ao mundo através da construção ficcional. O meu temperamento faz com que eu chegue ao mundo diretamente, pela mediação, evidentemente, da construção que eu faço do mundo, mas a partir de elementos que já estão no mundo, sem que eu precise da ficção para isso. Então, também me sinto mais confortável no documentário. Eu tive um grande privilégio na minha vida que é o de ter me tornado um grande amigo do Coutinho. É uma pessoa com quem troco ideias; ele me ajuda e eu o ajudo, é a colaboração mais estreita que eu tenho, ainda que a gente faça filmes muito diferentes. Mas o meu convívio com o Coutinho me fez adotar o documentário como forma. Seria uma bobagem dizer que o documentário é superior à ficção, mas acho os desafios do documentário mais interessante. E acho que tenho mais capacidade de enfrentá-los – e encontrar soluções interessantes – do que eu teria se fizesse ficção. Então a gente acabou encontrando lugares diferentes nos quais estamos muito à vontade.¹³

Salles também realiza um documentário do cinema direto, deixando os entrevistados falarem sem qualquer interferência. Mas, como ele próprio reconhece, Lula sabia o que interessava falar para a câmera.

O diretor negociou com Lula a proposta de realizar o documentário de sua campanha eleitoral:

Expliquei a Lula que nós não estaríamos competindo com os jornalistas e que precisávamos registrar momentos mais reservados da campanha, como em hotéis, carros, aviões etc. Garanti que nenhuma imagem e nenhum áudio seriam divulgados nem durante a campanha, nem nos primeiros

¹² Walter Moreira Salles – irmão de João Moreira Salles e diretor de filmes como *Central do Brasil* (1998), *Diário de Motocicleta* (2004), dentre outros.

¹³ Juliette. *Revista de Cinema*, n. 008, jun. 2009.

meses após as eleições. Lula pediu uma semana para dar a resposta, que viria no prazo através de um assessor. Esse foi o acordo geral, mas na verdade o acesso era negociado dia a dia, a cada reunião, encontro ou traslado, a cada atividade prevista na agenda da campanha. Em filmes dessa natureza, não basta obter uma autorização prévia.¹⁴

Na cena inicial do filme vemos Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno das eleições presidenciais de 2002. Ouve-se a voz do diretor: “Em nenhum momento Lula pedia para exercer algum controle sobre o filme.”

Acompanhamos a campanha de Lula pelos bastidores, em cenas não públicas, em conversas com seu *staff* administrativo, em carros, aviões e hotéis. O seu *staff* aparece em vários momentos, e todos se sentem muito à vontade com a câmera do cineasta, dentre os quais destacamos: Gilberto Carvalho, Duda Mendonça, Aloísio Mercadante, Antonio Pallocci. O único que destoa e que se sente incomodado com a presença da equipe de filmagem é José Dirceu, que não se manifesta durante as filmagens.

Em alguns momentos do filme presenciamos a saída da equipe de filmagem de salas e de reuniões entre os assessores e Lula. Segundo o diretor: “às vezes você tem que sair antes que te expulsem, porque se te expulsarem você terá de pedir autorização para voltar e talvez ela não seja concedida; se você sair espontaneamente, pode voltar quando quiser.”¹⁵

¹⁴ Entrevista de João Moreira Salles em encarte do DVD *Entreatos*, 2006.

¹⁵ Entrevista de João Moreira Salles em encarte do DVD *Entreatos*, 2006.

Acompanhamos Lula sendo homenageado e em campanha em uma central de Sindicatos. A fala dele enfatiza a sua origem operária: “Tudo que eu sou não é fruto da minha inteligência não. É fruto da consciência política da classe trabalhadora brasileira, na medida em que vocês evoluíram politicamente, na medida em que vocês ficaram mais exigentes.”

Também seguimos Lula no cabeleireiro, fazendo cabelo e cortando barba. Enquanto é atendido por seu barbeiro, Lula dá uma entrevista para uma rádio e comenta o porquê da Carta ao Povo Brasileiro¹⁶, escrita durante a campanha eleitoral.

No Hotel Intercontinental, em São Paulo, acompanhamos a entrevista de Lula para correspondentes internacionais no Brasil. Lula, respondendo a um jornalista da revista *Time*, afirma:

Eu confesso a vocês que eu não gosto de ser rotulado. A mim não tem nenhuma vantagem em dizer que eu sou de centro-esquerda, que eu sou de esquerda. Para vocês entenderem a diferença entre o PT e o que nós consideramos partidos tradicionais. A novidade política do PT é que ele foi, no Brasil, a primeira experiência de um partido criado por trabalhadores. A juventude da América Latina acreditava que não tinha saída política, que a única saída era a luta armada através da revolução. E nós quisemos provar que era possível os trabalhadores, sendo a maioria, se organizarem e chegarem ao poder pela via democrática.

¹⁶ A Carta ao Povo Brasileiro (junho/2002) teve como objetivo esclarecer os posicionamentos do PT na área econômico-financeira, a fim de acalmar o mercado.

O *staff* está reunido no Hotel Sofitel, em São Paulo, com a equipe que coordena sua campanha eleitoral. Lula se prepara para um debate televisivo e comenta que sempre gostou de se vestir bem: “passei 30 anos na fábrica, não me acostumei de macacão, mas três dias de gravata.”

No primeiro turno das eleições (06 de outubro de 2002), Lula comparece ao seu local de votação – a cidade de São Bernardo do Campo – com a esposa, Marisa Letícia da Silva. Em seguida, se dirige a um hotel em São Paulo para acompanhar a apuração. Lula obteve 46,4% dos votos válidos, e seu adversário, José Serra, do PSDB, 23,2% dos votos. Com esse resultado, ocorreria 2º turno para definir o vencedor, visto que o candidato deveria obter mais de 50% de votos.

No 2º turno, ocorre uma nova recomposição das coligações eleitorais e é desencadeada a campanha, sob a coordenação de Duda Mendonça. Acompanhamos a gravação da propaganda eleitoral, com a presença de lideranças nacionais, artistas e lideranças políticas, que agora apoiam Lula.

Enquanto espera a gravação de um programa eleitoral, Lula batuca na mesa e canta o Hino à Bandeira, lembrando a repressão que os trabalhadores sofreram na saída do Estádio de Vila Euclides: “Tinham alguns companheiros que se enrolaram na bandeira do Brasil achando que os policiais não iam bater na bandeira do Brasil. Batia do mesmo jeito. Aí falaram para gente: ‘se eles vierem na Igreja, a gente entra na Sacristia, que na Sacristia eles não vão entrar, aí já é demais’. Entraram do mesmo jeito.”

Novamente acompanhamos uma cena desenrolada no avião de campanha de Lula, que comenta:

Você sabe que eu acredito na recuperação do ser humano. Eu sou um homem que acredita. O Sarney está com uma posição muito digna. Quando eu falei do leite, ele quase chorou, bicho. Você não pode medir as pessoas em função da conjuntura política daqueles tempos. Não tem nenhum grande líder. No Brasil hoje – e esse é um dado triste para o Brasil, não é um dado bom. No Brasil hoje, a única figura de dimensão nacional sou eu. Mas por que é que eu cheguei aonde cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte da Igreja Católica, a base da Igreja Católica. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte dos estudantes, do PT, a CUT (Central Única dos Trabalhadores). É muita coisa. Aliás, nenhum político brasileiro nunca teve o alicerce que eu tenho.

Lula continua conversando com sua equipe durante o voo:

O PT é a primeira oportunidade da vida em que os operários é que saíram da fábrica para dirigir a política. Não foi ao contrário... Nós criamos nossas próprias lideranças. Com erros e com defeitos. Eu nem sabia o que era tático ou estratégico quando começamos a fundar o PT. Ô discussão maldita que a gente fazia. Eu quero é criar um partido. Quero lá saber se é tático ou estratégico? Seja o que vocês quiserem, pô, vamos criar um partido! [...] Eu não acho totalmente ruim o pessoal mais à esquerda do PT. Até quando falam bobagem. Porque tem uma parcela da nossa base ligada à comunidade de base da Igreja, que é xiita em função das circunstâncias.

Acompanhamos a maratona de viagens empreendidas por Lula durante esta etapa da campanha eleitoral. Novamente assistimos a uma reflexão de Lula durante uma de suas viagens, agora problematizando a questão do PT como governo e como partido político:

O PT enquanto partido não pode abrir mão do seu discurso. Eu não espero que o PT seja um partido que abra mão das suas convicções porque estou no governo. Não. Eu acho que é me cobrando que o partido pode ajudar a gente a fazer as coisas que a gente reivindica. Obviamente que o partido tem que ter sensibilidade para entender se a gente pode fazer ou não pode. O PT hoje não criaria nenhum problema com o governo. O partido tem que exercer o papel de partido e ser uma espécie de consciência crítica do governo, diante da sociedade. Mas o partido não pode abandonar o seu governante porque o governante não está fazendo aquilo que o partido há 10 anos atrás colocou no programa que era para ser feito.

Nestas reflexões, Lula problematiza a questão do PT ser governo e não perder a identidade de partido político crítico e atuante na sociedade brasileira. Também destaca a importância do PT e de suas lideranças políticas. O filme destaca, na edição das imagens e das falas, a sinceridade e espontaneidade de Luiz Inácio Lula da Silva. É uma liderança acessível e que merece respeito pelo seu histórico de migrante, operário líder sindical, fundador de um partido político. Também devemos reconhecer que Lula e sua equipe sabiam que estavam sendo filmados. Certas frases e reflexões, com certeza, foram pensadas para impactar a plateia que assistiria a *Entreatos*. José Dirceu, líder do PT e figura chave na campanha de Lula, é o único desconfortável nas gravações. Ele desconfia da equipe de filmagem de

João Moreira Salles, pedindo que esta se retire de uma reunião com o *staff* de Lula. Dirceu é artificial e pensa antes de emitir qualquer opinião no filme. Todos os outros estão soltos e absorvem muito bem os momentos das gravações.

No dia 27 de outubro de 2002 realiza-se a votação do 2º turno das eleições presidenciais. Lula vota e em seguida se encaminha a um hotel de São Paulo para acompanhar a apuração dos votos. Logo saem as primeiras notícias que anunciam a vitória de Lula. Os telejornais começam a mostrar a retrospectiva da trajetória política de Lula. O ápice da comemoração da vitória é quando Serra telefona para Lula, reconhecendo sua derrota e a vitória do adversário. Em um tom jocoso, Lula, após falar com Serra, comenta: “Serra reconhecendo que perdeu e que ‘jo’ ganhei”.

Na cena final, Lula sai do hotel e vai ao encontro de uma multidão de fotógrafos. A câmera se afasta e é como se João Moreira Salles dissesse: “Pronto, aqui está o Lula que eu conheci.”

Lula sabia que estava sendo filmado; escolhia suas falas e reflexões para ficarem registradas no documentário. Lula atua como ator e reforça a imagem representada por sua liderança política? Sim, mas isso não tira a autenticidade do documentário nem falseia a imagem do candidato. Segundo Salles:

A presença da câmera catalisa determinadas coisas, desperta nele o desejo de falar sobre certos assuntos, o que é muito bom para o filme [...]. O que a câmera estimula não deve ser recusado sob a alegação de que é teatro. O teatro interessa.¹⁷

O filme estreou nos cinemas em novembro de 2004 e em novembro de 2006 foi lançado em DVD, com um excerto denominado “Atos”, com os comícios e as cenas públicas da campanha eleitoral de 2002.

Por ocasião do lançamento do filme, o PT enfrentava uma crise muito grande, envolvendo as lideranças do partido. O filme despertou um sentimento de perda de identidade do PT, como partido que representava a ética e combatia a corrupção. O escândalo político que envolveu o PT foi deflagrado pelo deputado federal Roberto Jefferson, após entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, em que denunciava o envolvimento do partido com várias práticas irregulares para formação de “caixa 2”, necessário para financiar campanhas eleitorais de candidatos do PT em 2002. Esse parlamentar também denunciou a existência de um esquema de pagamento aos parlamentares da base aliada para que votassem a favor do governo. Tal prática ficou conhecida como “mensalão”, já que envolvia o pagamento mensal para que os projetos mais polêmicos fossem aprovados pela Câmara dos Deputados.

Para apurar tais denúncias, foi instaurada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), formada por senadores e deputados federais. Como resultado das investigações, foram

¹⁷ Entrevista de João Moreira Salles em encarte do DVD *Entreatos*, 2006.

cassados, por falta de decoro parlamentar, Roberto Jefferson (PTB) e José Dirceu (PT). Outros parlamentares denunciados foram absolvidos pelo plenário da Câmara Federal ou renunciaram aos seus mandatos para não serem cassados. As principais lideranças políticas do PT que estiveram presentes como protagonistas no filme *Entreatos* foram acusadas de participar desse esquema.

Lula conseguiu desvencilhar-se desses escândalos envolvendo o PT e preservar uma imagem positiva. Nesse aspecto, devemos destacar a importância de Lula como liderança política e seu carisma. Também ocorreu uma blindagem em torno dele. Em todos os escândalos apresentados, havia uma reação imediata do governo, com a divulgação de propagandas institucionais, em contraposição. Não se deixava o assunto repercutir de forma demasiada.

“Lula toma posse hoje; 76% esperam bom desempenho” (*Folha de S. Paulo*, 1º jan. 2003). “Festa e esperança para Lula presidente” (*O Estado de S. Paulo*, 1º jan. 2003). Essas manchetes estampam as expectativas criadas em torno de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente eleito em 27 de outubro de 2002. Para conseguir vencer as eleições, Lula teve de enfrentar quatro campanhas eleitorais, totalizando 12 anos de espera.

Considerações finais

É importante destacar que a carreira de Eduardo Coutinho, o principal documentarista brasileiro, irá influenciar uma geração de cineastas, dentre os quais o próprio João Moreira Salles. Os cineastas

havia planejado filmar dois candidatos na campanha eleitoral de 2002, só que o plano não deu certo, devido à agenda e à recusa de alguns possíveis políticos a serem filmados durante a campanha. A opção de Coutinho foi filmar os trabalhadores anônimos que vivenciaram o movimento sindical no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980. Já Salles convenceu Lula e seu *staff* a filmar a sua campanha eleitoral, durante o período de 25 de setembro a 28 de outubro de 2002.

Os filmes *Entreatos* e *Peões* estrearam nos cinemas no mesmo período, em novembro de 2004. Tal data foi escolhida para desvincular os filmes da acusação de que poderiam estar sendo lançados por motivos políticos, a fim de privilegiar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Já o filme *Lula – O filho do Brasil* foi lançado em janeiro de 2010 e acusado de ser eleitoreiro, uma vez que as eleições presidenciais iriam acontecer naquele ano. O filme não empolgou, não emocionou, reforçando a imagem da liderança política de Lula – uma liderança não ligada ou identificada a ideologias e sem radicalismos. Também reforçou a imagem de um ser humano simplório e um orador fantástico, capaz de impressionar e convencer as multidões de trabalhadores. De uma liderança ligada ao movimento peleguista, vemos a transformação de Lula em uma liderança autêntica e autônoma, capaz de conduzir o movimento trabalhista da região do ABC com discernimento, sensibilidade e garra.

Também devemos destacar a importância política dos filmes *Peões* e *Entreatos*. A imagem de Lula é preservada – e inclusive reforçada – como a de uma liderança política que emociona e provoca reações extremamente positivas nos entrevistados, principalmente no filme de Eduardo Coutinho.

As falas selecionadas por Salles no filme *Entreatos* também são emblemáticas, pois reforçam o lado de uma liderança política empreendedora, com características pessoais que são inseparáveis da construção de sua liderança política nacional.

O aparecimento do personalismo na cultura política nos tempos atuais é marcado por uma série de concepções que influenciam a própria prática política. Deposita-se fé no indivíduo, como se esta autoridade pudesse resolver todos os problemas da nação brasileira. É valorizado o prestígio pessoal, a capacidade individual, o poder de uma autoridade, como se um indivíduo fosse capaz de levar avante sozinho um projeto de governo.

Luiz Inácio Lula da Silva foi reeleito em 2006, conseguindo eleger, em 2010, a candidata do PT Dilma Rousseff, sua escolha pessoal.

Referências

Bibliografia

- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Coimbra: Minerva, 1999.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MARANHÃO, Cristina. *As imagens da guerra: Brasil, Palestina, Portugal*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2013.

Fontes

Encarte do filme *Entreatos* – Conversa com João Moreira Salles. Produzido pela Videofilmes. Disponível em: <www.vfilmes.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2004.

Encarte do filme *Peões* – Conversa com Eduardo Coutinho. Produzido pela Videofilmes. Disponível em: <www.vfilmes.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2004.

ENTREATOS. Direção: João Moreira Salles. Produção: Maurício Andrade Ramos. Intérpretes: Luiz Inácio Lula da Silva e outros. Roteiro: João Moreira Salles. Produzido no Brasil pela Videofilmes, 2004, 1 bobina cinematográfica (aprox. 117 min), son, color 35 mm. Juliette. *Revista de Cinema*, n. 008, jun. 2009.

LULA – O FILHO DO BRASIL. Direção: Fabio Barreto. Produção: Wellington Pingo. Intérpretes: Glória Pires, Antonio Pitanga, Milhem Cortaz, Rui Ricardo Diaz e outros. Roteiro: Fernando Bonassi, Daniel Tandler e Denise Paraná. Produzido: no Pólo Industrial de Manaus e Distribuído por Videolar S.A., 2010, 1 bobina cinematográfica (aprox. 2h e 10 min.), son, color 35 mm.

PEÕES. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Intérpretes: atores desconhecidos. Roteiro: Eduardo Coutinho. Produzido no Pólo Industrial de Manaus e Distribuído por Videolar S.A., 2004, 1 bobina cinematográfica (aprox. 85 min), son, color 35mm.

Recebido em 29 de janeiro de 2016; aprovado em 20 de maio de 2016.